

# Langoni vai negociar com...

por Celso Pinto de Brasília  
(Continuação da 1ª página)

quarta ou quinta-feira, e adiou sua presença no Congresso, nestes dias, para explicar o decreto salarial.

Se tudo der certo, a semana será encerrada com o acordo com o FMI e o esquema com os bancos definidos. A terceira etapa do acordo externo, a negociação com o Clube de Paris, fica para setembro, quando Galvêas deverá ir a Paris explicar a economia brasileira aos governos-membros do Clube. En-

23 AGO 1983  
dívida ext  
quanto o acerto não se der, confirmou Galvêas, ficam suspensos os pagamentos de US\$ 2 bilhões de dívidas brasileiras com outros governos.

Se tudo isto der certo, o Brasil terá, no próximo ano, de cortar para 55% sua inflação, quase zerar seu déficit público, gerar US\$ 9 bilhões em superávit na balança comercial e enfrentar uma recessão ainda mais aprofundada. Parará integralmente os juros que deve aos bancos e aos governos: este é um ponto que nunca esteve nem estará em discussão.

# Langoni vai negociar com os bancos

23 AGO 1983

Dívida Externa

CAZINHA DE PANTAL

por Celso Pinto de Brasília

O governo brasileiro espera concluir, até o final desta semana, o esquema básico da renegociação externa para este e o próximo ano. Um obstáculo importante foi superado com o endosso genérico do diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, ao novo acordo com o Brasil. Faltam acordos finais importantes com o FMI e os bancos, em lances que deverão acontecer nos próximos dias, e que levarão o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, a Nova York, e outros técnicos do governo a Washington, pelo que apurou este jornal.

A boa disposição de Larosière foi obtida nos encontros que manteve, em Paris, com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, informou ontem à imprensa o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, através de seu porta-voz. Este sinal verde preliminar, no entanto, apurou este jornal, não altera em nada o cronograma para a aprovação for-

mal da nova carta: ela só deverá ser assinada em outubro, depois da votação, pelo Congresso, do Decreto-lei nº 2.045, que altera a política salarial. Além disso, faltam acordos finais importantes em relação a alguns números básicos do balanço de pagamentos do próximo ano.

De toda forma, o endosso de Larosière às linhas gerais do novo acordo — e a isto se limita sua atitude — deve ser o bastante para motivar os bancos internacionais a antecipar a liberação do crédito que estava retido. Trata-se de duas parcelas do "jumbo" deste ano, num valor total de US\$ 1,27 bilhão, que os bancos suspenderam no momento em que o FMI também suspendeu seus empréstimos.

Galvêas disse que já foram feitos os entendimentos para a antecipação da liberação destes recursos. Sabe-se que há interesse dos bancos neste passo, pois seria a única forma de evitar a contabilização de prejuízos, nos balanços do terceiro trimestre, em

consequência da "moratória de fato" em que está o Brasil, inclusive com suspensão de pagamento de juros.

Para que deslanche a negociação com os bancos, é preciso o acerto final das exigências do balanço de pagamentos do País. Isto acontecerá em duas etapas sincronizadas: ainda hoje, os economistas representantes dos bancos internacionais, que estão em Brasília, terão uma última conversa com o presidente do Banco Central, Carlos Langoni. No final do dia, seguirão para os Estados Unidos estes economistas, Langoni, alguns de seus assessores diretos, como o chefe do Departamento Econômico, Alberto Sozin Furuguen, e o secretário de Planejamento da Seplan, José Augusto Arantes Savasini — que acompanhou Delfim a Paris e é o principal negociador com o FMI a nível técnico.

Nos Estados Unidos, as conversas serão desdobradas. Savasini e Furuguen irão a Washington tentar arredondar o acerto final do acordo com o FMI, algo que o governo brasileiro classifica hoje como acerto a nível técnico — apesar de sua importância para todo o esquema — após o endosso político de Larosière. Ao mesmo tempo, em Nova York, amanhã, haverá uma reunião importante de "advisory committee" dos bancos internacionais, presidido por William Rhodes, vice-presidente do Citibank. Langoni deverá participar desta discussão.

O ministro Delfim Netto, segundo informações obtidas na Seplan, não iria a Nova York, pois sua presença não seria indispensável. Em outras áreas, no entanto, afirmava-se que ele poderia também ir aos Estados Unidos. Oficialmente, o ministro deve regressar na